



III Encontro Nacional de Letras
no Litoral Norte da Paraíba

A LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA PARA O LETRAMENTO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

OLIVEIRA; Aldenice Auxiliadora de ¹

RESUMO

A LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA PARA O LETRAMENTO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

OLIVEIRA, Alenice Auxiliadora (UFPB)

aldenice.auxiliadoraufpb@gmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão no que se refere ao ensino da literatura e a formação de leitores não pode deixar de considerar os aspectos da subjetividade, uma vez que o leitor é constituído de elementos advindos da sua cultura, do meio social e das diversas experiências que vivenciam no seu cotidiano. É através da leitura que o sujeito se torna capaz de produzir novos sentidos que perpassam o texto, ou seja, no momento da leitura, ele consegue construir um diálogo com o outro e consigo mesmo, sendo capaz de remeter a outros textos e outras leituras. Nesse sentido, quanto mais experiência leitora, maior será a compreensão diante do mundo que nos cerca. Dessa forma, o estímulo à leitura pode e deve ser dirigido com vistas a despertar no aluno o senso crítico e a imaginação, além de ser uma ferramenta que colabora na formação do educando, contribuindo para sua inserção no âmbito social, político, econômico e cultural.

Neste contexto, a literatura se apresenta como forte aliada neste processo, pois dispõe de um vasto campo de conhecimento para exploração, na medida em que se trabalha com essa prática, é possível desenvolver a sensibilidade e criticidade do leitor. Em relação ao texto literário, Faria (2004), nos apresenta:

[...] o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas - históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc. (FARIA, 2004, p. 12).

É nesse sentido que a literatura contribui para a construção do leitor literário, capaz de se

¹ UFPB, aldenice.auxiliadoraufpb@gmail.com

posicionar criticamente ante as realidades. Tal leitor, conseqüentemente, desenvolve um repertório cultural mais abrangente e se constitui na sociedade como sujeito crítica e reflexivo. Diante disso, o letramento literário se apresenta como uma prática social que contribui fortemente na formação do leitor literário, considerando os saberes que o aluno traz da sua cultura antes mesmo de entrar no universo escolar. Dessa forma, o professor em sala de aula deve buscar, em sua prática escolar, ações que visem a relação entre o saber escolar e esses tantos saberes que os alunos trazem relacionados ao seu conhecimento de mundo.

Contudo, o hábito de ler nem sempre é estimulado nas escolas, em especial quando se trata do ensino de literatura voltada aos povos originários. Atualmente, percebe-se que é praticamente idêntico ao ensino de décadas atrás, mesmo que as escolas possuam em seu acervo obras de autoria indígena, a leitura delas está vinculada apenas a data do calendário escolar, os docentes continuam a reproduzir saberes e fazeres pedagógicos que conduzem a estereótipos e a compreensões distorcidas relacionadas aos povos originários. Faz-se necessário que os docentes compreendam as especificidades das obras literárias indígenas e as culturas presente nos textos, para que assim suas práticas sejam mais efetivas e condizentes à realidade desses povos.

A literatura de autoria indígena vem ressignificar às aulas tanto de Língua Portuguesa, como demais disciplinas que abrem espaço para essa rica cultura, pois o trabalho interdisciplinar contribui de forma significativa para a construção de saberes, possibilitando que os estudantes consigam resgatar sua identidade, ancestralidade, costume e crença, afastando-se dos padrões eurocêntricos adotados nos séculos passados. Dentre as produções de autoria indígena, temos importantes nomes que se dedicam à Literatura infantil e Juvenil, das quais podemos destacar Ailton Krenak, Graça Graúna, Eliane Potiguara, como também o trabalho do paraense Daniel Munduruku, escritor pioneiro nas produções voltadas ao gênero infanto-juvenil, sendo considerado um dos maiores representantes do movimento literário indígena brasileiro.

Dessa forma, esse trabalho visa apresentar reflexões práticas como propõe a lei 11.645/08, apresentando um ensino em torno da literatura indígena na educação básica, a partir da proposta sequência expandida do Cosson (2006), com ações que visem ao Letramento Literário, em que se compreende que a leitura é bem mais ampla e subjetiva. Também utilizaremos as estratégias de leituras apresentadas por Giroto e Souza (2010) que são: conhecimento prévio; conexão; inferências; visualização; questionamentos; sumarização e síntese.

A proposta a ser apresentada contará com a obra *Catando Piolhos, contando histórias*, de Daniel Munduruku que foi publicada em 2006. A aplicação realizou-se no 5º ano, a escolha se deu por ser o fechamento do ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A representação dos povos indígenas se faz presente na nossa sociedade seja como ser exótico demonstrado por Caminha, através dos registros históricos que apresentam o processo de luta e resistência enfrentadas por esses povos. A literatura de autoria indígena vem mudar esse cenário imposto pela sociedade, as obras apresentam aos leitores a rica diversidade e modo de vida e crenças que condizem de fato à realidade desses povos, preservando a história e a memória deles.

Porém, essa conquista só veio após lutas dos movimentos em busca dos direitos, pois, durante muitos séculos, os povos indígenas eram considerados seres que não tinham crenças, eram ignorados em seus próprios rituais religiosos, sua cultura e história. Durante muito tempo, era o outro escrevendo no lugar do indígena. Aos poucos, foram surgindo à literatura indianista, indigenista, porém tais obras não apresentavam autoria indígena. A literatura indianista evidencia a divulgação de uma literatura idealizada voltada ao estilo romântico, enquanto a indigenista visa uma aproximação do universo indígena. E finalmente a literatura indígena, a qual traz obras que tem como autores indígenas, apresentado de fato sua cultura e história. De acordo com Thiél (2012, p. 47), “as textualidades indígenas têm índio não só um referente, mas principalmente um agente. Ele escreve tanto para um público-alvo índio (para parentes) quanto para os não índios”. Essa literatura, a qual apresenta os povos indígenas relatando sua história, vem resgatar sua

identidade que foi desrespeitada por muitos anos.

De fato, a literatura indígena vem romper com essa realidade, desconstruindo os estereótipos pré-determinados sobre os povos originários. A autora indígena Graça Graúna defende que:

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Podemos perceber, então, que há pouco tempo que essa diversidade voltada aos povos indígenas brasileiros está sendo divulgada de maneira mais frequente. Os documentos oficiais, em concordância com a Lei Nº 11.645/08, estabelecem o ensino voltados aos povos indígenas no nosso país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9.394/1996 e Lei 11.645/2008, a partir da Constituição de 1988, determina o trabalho com a história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Segundo o documento da Base Nacional Comum Curricular, em discussão em todo nosso país:

A Educação para as Relações Étnico-Raciais, prevista no art. 26A da Lei nº 9.394/1996 (LDB), objetiva a ampliação de conhecimentos acerca da educação para as relações étnico-raciais e, conseqüentemente, para a eliminação do racismo e do etnocentrismo no ambiente escolar e na sociedade brasileira. O estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008) é ministrado no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras, em todas as etapas da Educação Básica, compreendendo a história e a cultura que caracterizam a formação da população brasileira.

A referida lei se torna um marco histórico para o ensino brasileiro, pois é resultado de diversas lutas dos povos indígenas pelo reconhecimento e respeito, visando à busca pelos direitos sociais na implantação de novas políticas que venham contribuir nas áreas social, econômica e política. Um trabalho com a literatura vai ao encontro proposto na lei em vigor, além disso, trabalhar com a literatura se torna um bem incompressível na vida das pessoas, contribuindo com o processo de humanização do leitor, na medida que este tem acesso às produções de autoria indígena, ele tem a possibilidade de conhecer a história desses povos e a sua própria história.

METODOLOGIA

A metodologia seguirá um modelo de sequência Básica (literária) proposta por Cosson (2006), em que o professor trabalha a Literatura tendo em vista o Letramento Literário como prática social. O autor propõe as seguintes etapas: *A Motivação* - Motiva o aluno para a leitura do livro; *A Introdução* - Faz levantamento de hipótese sobre o que o livro vai tratar e uma rápida apresentação da vida e da obra do autor; *A Leitura* - Leitura propriamente dita da obra; *A Interpretação* - Chega-se à construção de sentido do texto.

A obra escolhida para a proposta é ***Catando piolhos, contando histórias***, de Daniel Munduruku, publicada em 2006. A proposta foi aplicada no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais na EMAI no Município de João Pessoa/PB.

Dessa forma, demonstraremos os passos que foram seguidos:

Passo 1: A Motivação- Nessa etapa, iniciamos com uma provocação para os alunos, apresentando algumas imagens que fazem referência aos povos originários, colocamos à disposição: maracá, cocar, colar indígena, cabaça, pilão indígena, vassoura de palha. Ainda na motivação, os alunos usaram *Chromebooks* para pesquisar sobre a cultura indígena e os elementos utilizados por esses povos.

Figura 1 – Instrumentos da cultura



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Figura 2 – Pesquisa na internet



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Em seguida, pedimos aos alunos que registrassem as suas impressões sobre os povos indígenas em uma cartolina, a qual será utilizada posteriormente no momento da interpretação. Pedimos que falassem com suas palavras quem eram os povos indígenas para eles e também que falassem da sua relação com esses povos.

Figura 3 – Aluno A



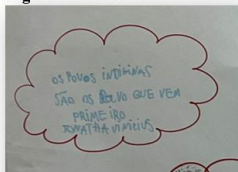
Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Figura 4 – Aluno B



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Figura 5 – Aluno C



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Figura 6 – Aluno D



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Passo 2: A Introdução - Na introdução, realizamos a apresentação do autor, ilustrador, falando da obra e sua importância. Para fazer isso, organizamos os estudantes em círculo, dando a oportunidade para observarem e tocarem na obra e assim a perceberem materialmente, chamando a atenção para as ilustrações, as cores e os grafismos presentes na capa. Antes de iniciar a leitura, com o intuito de estimular o imaginário e a curiosidade da turma pela obra, realizamos os seguintes questionamentos sobre a narrativa:

- O que você observou na capa do livro?
- Vocês conheciam esse autor, Daniel Munduruku, e o ilustrador?
- Quais os elementos vocês observam na ilustração?
- Quais temas você acha que serão abordados nesta história?

Figura 7 – Apresentação da obra



Fonte: acervo da pesquisadora (2024)

Passo 3: A leitura - Foi desenvolvida a leitura em duas aulas. Em uma roda de conversa com os estudantes, foram divididas as histórias. Como a obra é composta por oito histórias curtas, na primeira aula, foram lidas quatro histórias, na segunda aula, as outras quatro. As leituras foram feitas pelos alunos de forma compartilhada.

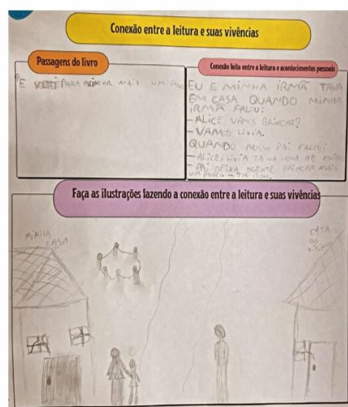
Passo 4: A interpretação - Este é o momento de consolidação do processo de leitura, no qual o educando apresenta suas interpretações sobre a obra lida. Ao final da leitura, com o intuito de analisar como ocorreu a recepção e a compreensão da narrativa pelos alunos, levantamos os seguintes questionamentos:

EM UMA RODA DE CONVERSA:

- Vocês gostaram da leitura da obra?
- Tem algo que não gostaram?
- O que mais chamou atenção nesse texto?
- Seus pais costumam contar história para vocês?
- Fez conexão com algo da sua vida ou de algum livro que você já leu?
- Vocês tiveram a sensação de estarem dentro da aldeia? Se sim, vocês saberiam me dizer o motivo desse sentimento?

Para finalizar a Sequência, resgatamos as pesquisas sobre os povos originários e as impressões dos alunos relacionados a esses povos que foram desenvolvidas durante a motivação. Após ouvir esse breve resgate, pedimos para os estudantes, de forma individual, registrarem de maneira escrita sua interpretação da obra. Finalizamos com o compartilhamento dos trabalhos realizados, utilizando as estratégias de leitura de acordo com Giroto e Souza (2010).

Figura 8 – Proposta usando as estratégias de leitura de acordo com Giroto e Souza (2010)



Fonte: organizado pela pesquisadora com base em Giroto e Souza (2010)

TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA PELA ALUNA E:

Passagem do livro: “Eu voltei para brincar mais um pouco”.

Conexão entre a leitura e acontecimentos pessoais:

“Eu e minha irmã tava em casa quando minha irmã falou:

- Alice vamos brincar?
- Vamos Livia.

Quando nosso pai falou:

- Alice, Livia tá na hora de entrar.
- Pai deixa agente brincar mais um pouco.
- Tá bom.”

ANÁLISE DE DADOS

A partir das atividades desenvolvidas, percebemos como a literatura indígena possibilita diversas práticas e reflexões em sala de aula, vindo a contribuir com a aprendizagem dos estudantes de forma significativa. Desse modo, a leitura em sala de aula é o espaço que lhes permite conhecer o universo literário.

Identificamos que o conhecimento que as crianças têm relacionado aos povos originários está intimamente ligado ao apresentado nos livros didáticos, dessa forma, por meios das atividades propostas, percebemos que os alunos ampliaram o conhecimento sobre os povos indígenas, muitos alunos, a partir das aulas, se reconheceram como pertencentes a essas origens.

Com base nas experiências práticas, foi possível desenvolver a oralidade e a escrita dos alunos a partir da intenção e escrita, escrevendo em detalhes a passagem do livro vinculado ao seu contexto atual, desta forma, demonstrando que compreenderam a leitura que foi apresentada.

Desejamos que este relato, além de expor uma prática exitosa desenvolvida no ensino, possa contribuir para que outros professores encontrem auxílio em meio aos desafios que ainda estão impostos relacionados ao ensino da cultura indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena é um convite para entrar no universo da cultura dos povos indígenas, seus costumes, crenças, mitos, lendas, que fazem parte da nossa história. Conhecer a literatura indígena é reconhecer a influência dos povos nativos na formação da nossa identidade, povos que trazem na sua história muita luta e resistência, uma rica cultura, memória, tradição. Buscamos, por meio das atividades, desconstruir equívocos e estereótipos sobre os povos nativos que ainda reverberam na nossa sociedade. Constatamos, a partir da experiência metodológica, que os alunos se sentiram motivados à leitura literária da obra de autoria indígena. Assim, conscientemente acreditamos que a literatura tem um papel essencial de transformar e humanizar o ser humano.

A partir da prática de leitura desenvolvida com os estudantes, percebemos como a literatura indígena possibilita uma gama de reflexões em sala de aula. Os resultados foram perceptíveis, a partir dos registros percebe-se que os estudantes apresentam maior apropriação da escrita e uma desenvoltura em relação à oralidade. Essas vivências no ensino são importantes e significativas, tendo em vista que são inúmeros os benefícios que as práticas de leitura trazem no ambiente escolar, auxiliando no despertar do interesse pela leitura; levando a imaginação e criatividade. As estratégias de leitura utilizadas, como outras práticas de leitura devem ser presença constante no dia a dia das crianças, individual ou coletivamente, para que, mais tarde, elas façam uso de textos com autonomia.

REFERÊNCIAS

¹ UFPB, aldenice.auxiliadoraufpb@gmail.com

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

COLOMER, Teresa (2007). **Andar entre livros:** leitura literária na escola. São Paulo: Global.

COSSON, Rildo (2006). **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto.

FARIA, Maria Brito de. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GIROTTI, Cynthia; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. /n: SOUZA, Renata (Org.). **Ler e compreender:** estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GRAÚNA, Graça. **Flor da mata.** Ilustração de Carmen Bardi. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando. Sobre saberes e utopias.** Participação de Ceiza Almeida. Vol 1. Lorena: U´KA Editorial, 2020.

RODRIGUES, Adriana; CALDA Edna; SIMÕES Lucila; DANTAS, Priscila. **Literatura indígena:** Práticas leitoras para a sala de aula. Rio Branco-Acre: Nepan Editora/ Edufac.

THIÉL, Janice. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora:** a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Letramento literário, Literatura indígena